

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Proust Marcel, 1871-1922  
Sobre a leitura / Marcel Proust: tradução Carlos Vogt -  
Campinas, SP : Pontes, 4ª edição, 2003.

Bibliografia.  
ISBN 85-7113-050-7

1. Leitura I. Título

89-0484

CDD - 001.543

Índice para catálogo sistemático:

1. Leitura : Comunicação 001.543



# SOBRE A LEITURA

TRADUÇÃO:  
CARLOS VOGT

**4ª EDIÇÃO**

Pontes  
2003

*Título original: Sur la Lecture*

*Capa: João Baptista da Costa Aguiar*

*Coordenação Editorial: Ernesto Guimarães*

*Revisão: Adagoberto Ferreira Baptista*

*Lilian Bedendi*

PONTES EDITORES

Av. Dr. Arlindo Joaquim de Lemos, 1333

Jardim Proença

13095-001 Campinas SP Brasil

Fone (019) 3252.6011

Fax (019) 3253.0769

E-mail: ponteseditor@lexxa.com.br

[www.ponteseditores.com.br](http://www.ponteseditores.com.br)

2003

Impresso no Brasil

*Sobre a Leitura foi publicado originalmente como o Prefácio que Proust escreveu, em 1905, para a sua tradução do livro Sésame et les Lys, de John Ruskin.*

*A observação que fez um editor francês na ocasião em que publicou este texto é tão pertinente que vale a pena reproduzi-la na edição brasileira:*

*“... essas páginas ultrapassam tanto a obra que introduzem, propõem um elogio tão belo da leitura e preparam com tanta felicidade Em Busca do Tempo Perdido que quisemos, livrando-as de sua condição de Prefácio, publicá-las na sua plenitude.”*

*Foi o que também fizemos.*

*O Editor*

*À Senhora Princesa Alexandre de Caran-Chimay, cujas Notes sur Florence teriam deliciado Ruskin, dedico respeitosamente, como uma homenagem de minha profunda admiração, estas páginas que recolhi porque elas lhe agradaram.*

Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezássemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino: o convite de um amigo para um jogo exatamente na passagem mais interessante, a abelha ou o raio de sol que nos forçava a erguer os olhos da página ou a mudar de lugar, a merenda que nos obrigavam a levar e que deixávamos de lado intocada sobre o banco, enquanto sobre nossa cabeça o sol empalidecia no céu azul; o jantar que nos fazia voltar para casa e em cujo fim não deixávamos de pensar para, logo em seguida, poder terminar o capítulo interrompido, tudo isso que a leitura nos fazia perceber apenas como inconveniências, ela as gravava, contudo, em nós, como uma lembrança tão doce

(muito mais preciosa, vendo agora à distância, do que o que íamos então com tanto amor) que se nos acontece ainda hoje folhearmos esses livros de outrora, já não é senão como simples calendários que guardamos dos dias perdidos, com a esperança de ver refletidas sobre as páginas as habitações e os lagos que não existem mais.

Quem, como eu, não se lembra dessas leituras feitas nas férias, que íamos escondendo sucessivamente em todas aquelas horas do dia que eram suficientemente tranquilas e invioláveis para abrigá-las. De manhã, voltando do parque, quando todos “tinham ido fazer um passeio”, eu me metia na sala de jantar, onde, até a ainda distante hora do almoço, ninguém, senão a velha Félicie, relativamente silenciosa, entraria, e onde não teria como companheiros de leitura mais do que os pratos coloridos pendendo nas paredes, o calendário cuja folha da véspera havia sido há pouco arrancada, o pêndulo e o fogo que falam sem pudor que se lhes responda, e cujos suaves propósitos vazios de sentido não substituem — como as palavras dos homens — o sentido das palavras que se lêem. Instalava-me numa cadeira ao pé do fogo de lenha, do qual, durante o almoço, o tio madrugador e jardineiro diria: “Não é ruim! Suporta-se muito bem um pouco de calor do fogo; posso garantir que às seis horas fazia bastante frio na horta. E dizer que em oito dias já será Páscoa!” Antes do almoço quem poria fim, sem pena, à leitura, se se tinha ainda duas longas horas! De tempos em tempos, ouvia-se o barulho da bomba que fazia a água correr e também levantar olhos e olhá-la através dos

vidros fechados da janela, ali, bem perto, na única aléia do jardimzinho que margeava com tijolos e faianças em meias-luas suas platibandas de amores-perfeitos: amores-perfeitos colhidos, parece, nesses céus tão bonitos, esses céus versicolores e como que refletidos dos vitrais da igreja que se viam às vezes entre os tetos da vila, céus tristes que apareciam antes das tempestades, ou depois, já bastante tarde, quando o dia estava prestes a terminar. Infelizmente a cozinheira vinha com muita antecedência arrumar a mesa; se ela ainda o fizesse sem falar! Mas não. Acreditava sempre que devia dizer: “Você não está bem assim; não é melhor apoiar-se numa mesa?” E apenas para responder: “Não, muito obrigado”, era preciso estacar e trazer de muito longe a voz que, dentro dos lábios, repetia sem ruído, correndo, todas as palavras que os olhos haviam lido; era preciso pará-la, fazê-la sair, e, para dizer de um modo convincente: “Não, muito obrigado”, era preciso dar-lhe uma aparência de vida comum, uma entonação de resposta que tinha perdido. A hora passava: freqüentemente, muito tempo antes do almoço, começavam a chegar na sala aqueles que, cansados, haviam encurtado o passeio, haviam “passado por Méségglise”, ou aqueles que “tendo de escrever”, não tinham saído naquela manhã. Eles diziam: “Não vou incomodá-lo”, logo começavam a se aproximar do fogo, a ver as horas e declarar que o almoço já seria bem-vindo. Tratava-se particularmente de deferência aquele ou aquela que tinha “ficado escrevendo” e se lhe dizia: “Você pôs em dia suas cartinhas”, com um sorriso no qual havia respeito, mistério, luxúria e consideração, como se essas “cartinhas” conti-

vessem, ao mesmo tempo, um segredo de estado, uma prerrogativa, um augúrio e uma indisposição. Alguns, sem mais delongas, sentavam-se bem antes à mesa, em seus lugares. Era então uma tristeza, pois seria um mau exemplo para os que iam chegando, se fizessem crer que já era meio-dia, fazendo com que meus pais pronunciassem as palavras fatais: “Venha, feche seu livro, vamos almoçar.” Tudo estava pronto, os talheres inteiramente postos sobre a toalha, faltando apenas o aparelho de vidro que não aparecia senão no final da refeição e no qual o tio horticultor e cozinheiro fazia ele próprio o café na mesa, tubular e complicado como um instrumento de física de cheiro bom e no qual era tão agradável ver subir na campânula de vidro a ebulição repentina que deixava em seguida nas paredes embaçadas uma borra cheirosa e marrom; e também o creme e os morangos que o mesmo tio misturava, em proporções sempre idênticas parando justo no rosa que era preciso atingir com a experiência de um colorista e a adivinhação de um apreciador. Como o almoço me parecia longo! Minha tia-avó ficava só experimentando os pratos para dar sua opinião com uma doçura que suportava, mas não admitia a contradição. Para um romance, para versos, coisas que ela conhecia muito bem, ela recorria sempre, com uma humildade de mulher, à opinião dos mais competentes. Ela pensava que este era o domínio flutuante do capricho onde o gosto de uma única pessoa não pode fixar a verdade. Mas sobre as coisas cujas regras e os princípios lhe tinham sido ensinados por sua mãe, sobre a maneira de fazer certos pratos, de tocar as sonatas de Beethoven e de receber com ama-

bilidade, ela estava segura de ter uma idéia justa da perfeição e de discernir se os outros dela se aproximavam mais ou menos. Para as três coisas, aliás, a perfeição era quase a mesma: era uma espécie de simplicidade nos meios, de sobriedade e de charme. Ela abominava que se pusesse especiarias em pratos em que absolutamente não cabiam, que se tocasse com afetação e abuso dos pedais, que “recebendo” se saísse de um natural perfeito e se falasse de si mesmo com exagero. Desde o primeiro bocado, às primeiras notas, num simples bilhete, ela tinha a pretensão de saber se estava tratando com uma boa cozinheira, com um verdadeiro músico, com uma mulher bem educada. “Ela pode ter muito mais dedos do que eu, mas falta-lhe gosto quando toca com tanta ênfase este *andante* tão simples.” “Pode ser uma mulher muito brilhante e cheia de qualidades, mas é uma falta de tato falar de si mesma nessa circunstância.” “Pode ser uma grande cozinheira, mas não sabe fazer bife com batatas.” Bife com batatas! parte de um concurso ideal, difícil por sua própria simplicidade, espécie de *Sonata patética* da cozinha, equivalente gastronômica daquilo que é na vida social a visita da dama que vem pedir informações sobre um doméstico e que, num ato tão simples, pode provar ter tato ou falta de educação. Meu avô tinha tanto amor próprio que gostaria que todos os pratos fossem sempre um sucesso, mas era tão pouco entendido em cozinha que jamais sabia quando eles eram um fracasso. Às vezes, raras aliás, ele aceitava que não estivessem bons, mas apenas por obra do acaso. As críticas sempre fundadas de minha avó e que, ao contrário, implicavam que a cozi-

nheira não tinha sabido preparar o prato, não podiam deixar de parecer particularmente intoleráveis a meu avô. Freqüentemente, para evitar discussões com ele, minha avó, depois de provar um prato com os lábios, não dava opinião, o que, aliás, fazia com que imediatamente soubéssemos que ela era desfavorável. Ela se calava, mas nós líamos nos seus olhos doces uma desaprovação inabalável e refletida que tinha o dom de deixar meu avô furioso. Ele suplicava ironicamente que ela desse sua opinião, impacientava-se com o seu silêncio, cumulava-a de questões, encolerizava-se, mas sabíamos que ela poderia ser martirizada e não confessaria aquilo em que meu avô acreditava: a sobremesa não estava suficientemente doce.

Depois do almoço, retomava imediatamente minha leitura; sobretudo se o dia estivesse um pouco quente, as pessoas subiam para "retirar-se em seus quartos", o que me permitia, pela escadinha de pequenos degraus, chegar imediatamente ao meu quarto, no único andar tão baixo que uma criança podia saltar as janelas com uma pernada e encontrar-se na rua. Eu ia fechar minha janela sem poder evitar a saudação do armeiro da frente, que sob o pretexto de baixar seus toldos, vinha todos os dias, depois do almoço, fumar seu cigarro diante de sua porta e cumprimentar os passantes que, às vezes, paravam para conversar. As teorias de William Morris, que foram tantas vezes aplicadas por Maple e pelos decoradores ingleses, afirmam que um quarto não é bonito se não contiver somente coisas que nos são úteis e que toda coisa útil, mesmo um simples prego, não deve ser dissimulada, mas

aparente. Por sobre o leito de triângulos de cobre e totalmente descoberto, nas paredes nuas desses quartos higiênicos, algumas reproduções de obras-primas. A julgá-lo segundo os princípios dessa estética, meu quarto não era absolutamente belo, pois estava cheio de coisas que não podiam servir para nada e que dissimulavam pudicamente, ao ponto de tornar de uso difícil aquelas que serviam para alguma coisa. Mas é justamente dessas coisas que não estavam lá para minha comodidade, mas que pareciam ali estar pelo prazer, que meu quarto tirava, para mim, todo seu encanto. As altas cortinas brancas que escondiam ao olhar o leito situado como no fundo de um santuário; o punhado de mantas em *marceline*, colchas floridas, coberturas bordadas, fronhas em cambraia de linho, sob as quais o dia desaparecia, como um altar no mês de Maria sob as grinaldas e as flores. e que, à noite, para poder me deitar, eu depositava com cuidado sobre a poltrona onde eles consentiam passar a noite, ao lado do leito, os copos com desenhos azuis, o açucareiro parecido e a garrafa (sempre vazia, desde o dia seguinte à minha chegada, por ordem de minha tia que temia que eu a "entornasse"), espécies de instrumentos do culto — quase tão santos quanto o precioso licor de flor de laranja posto ao lado deles num frasco de vidro — que para mim era tão proibido profanar e mesmo utilizar para uso pessoal quanto se fossem cibórios consagrados, mas que eu olhava longamente, antes de me trocar de roupa, com medo de derrubá-los num gesto desavisado; estas pequenas estolas iluminadas pelos vazios do crochê que lançavam sobre o encosto das poltronas um manto de

rosas brancas que não deviam ser sem espinhos, pois, cada vez que eu terminava a leitura e queria me levantar, percebia que estava preso à poltrona; essa campânula de vidro, sob a qual, isolada dos contatos vulgares, o pêndulo falava na intimidade para conchas vindas de longe e para uma velha flor sentimental, mas que era tão pesada para levantar que, quando o pêndulo parava, ninguém, exceto o relojoeiro, era suficientemente imprudente para tentar fazê-lo funcionar; essa toalha branca toda em renda que, lançada como um revestimento de altar sobre a cômoda ornada de dois vasos, de uma imagem do Salvador e de um ramo bento, a fazia parecer com a mesa de comunhão (cuja idéia era ainda mais evocada, toda manhã, por um genuflexório que era ali posto quando se terminava de “arrumar o quarto”), mas cujas desfiaduras sempre enroscadas nas fendas das gavetas emperravam-nas tão completamente que eu não podia jamais pegar um lenço sem derrubar, com um só tranco, a imagem do Salvador, os vasos sagrados, o ramo bento e sem escorregar agarrando-me ao genuflexório; enfim, essa tríplice superposição de pequenas cortinas de estamena, de grandes cortinas de musselina e de cortinas ainda maiores de bombazina, sempre sorridentes na sua brancura de espinheiro-alvar quase sempre ensolarado, mas no fundo irritantes no seu desacerto e teimosia em girar em torno de suas barras de madeira paralelas e a enroscar-se umas nas outras e todas na janela assim que eu pretendia abri-la ou fechá-la, com uma barra sempre presa quando eu conseguia soltar uma outra, pronta para tomar imediatamente seu lugar nas juntas perfeitamente fechadas como

se o fossem por uma moita de espinheiro-alvar real ou por ninhos de andorinhas que teriam tido a fantasia de lá se instalar, de sorte que essa operação, tão simples em aparência, de abrir e fechar minha janela, eu não conseguia jamais realizá-la sem o auxílio de alguém da casa: todas essas coisas, que não apenas não podiam responder a nenhuma de minhas necessidades, mas, ao contrário, punham um entrave, pequeno aliás, à sua satisfação, que evidentemente não tinham sido postas lá para a utilidade de alguém, povoavam meu quarto de pensamentos de alguma forma pessoais, com esse ar de predileção, de ter escolhido viver ali, de estar contente com isso, que tem, freqüentes vezes, numa clareira, as árvores, e, na beira dos caminhos ou sobre velhos muros, as flores. Elas o enchiam com uma vida silenciosa e diversa, com um mistério no qual eu me encontrava, ao mesmo tempo, perdido e encantado; elas faziam desse quarto uma espécie de capela na qual o sol — quando atravessava os quadradi-nhos vermelhos que meu tio havia intercalado na parte alta das janelas — ponteava as paredes, depois de rosar o espinheiro das cortinas — de luas tão estranhos como se a pequena capela estivesse encerrada numa nave maior de vitrais; onde o barulho dos sinos retinia tanto, por causa da proximidade de nossa casa e da igreja — à qual, aliás, nas grandes festas, os repositórios nos ligavam por um caminho de flores —, que eu podia imaginar que eles tocavam no nosso teto, bem sobre a janela de onde eu freqüentemente cumprimentava o padre com seu breviário, minha tia voltando nas tardes ou o coroinha que nos trazia pãozinho bento. Quanto à fotografia por Brown da



*Primavera* de Botticelli ou à moldagem da *Mulher Desconhecida* do museu de Lille, que, nas paredes e sobre as chaminés dos quartos de Maple, são a parte concedida por William Morris à beleza inútil, devo confessar que tinham sido substituídos, no meu quarto, por uma espécie de gravura representando o príncipe Eugênio, terrível e belo no seu dólma, e que me deixou absolutamente atônito uma noite, ao vê-lo, em meio ao fragor de locomotivas e de granizo, sempre terrível e belo, na porta de um restaurante de estação onde ele servia de reclame para uma especialidade de biscoitos. Hoje eu acho que meu avô o tinha recebido há muito tempo, como prêmio, da munificência de um fabricante, antes de instalá-lo para sempre no meu quarto. Mas, na época, eu não me preocupava com sua origem, que me parecia histórica e misteriosa e não podia imaginar que pudesse haver vários exemplares do que eu considerava como uma pessoa, como um habitante permanente do quarto que eu dividia com ele e onde eu o reencontrava todos os anos, sempre igual a si mesmo. Faz agora muito tempo que não o vejo e suponho que não o verei jamais. Mas se tivesse essa sorte, penso que teria mais coisas a me dizer do que *A Primavera* de Botticelli. Deixo às pessoas de bom gosto ornarem suas casas com a reprodução de obras-primas que elas admiram e aliviar sua memória da preocupação de conservá-las numa imagem preciosa confiada a uma moldura de madeira esculpida. Deixo às pessoas de bom gosto fazerem de seus quartos a própria imagem de seu gosto e de entulhá-lo somente com as coisas que seu gosto aprove. Para mim, não me sinto viver e pensar

senão num quarto onde tudo é a criação e a linguagem de vidas profundamente diferentes da minha, de um gosto oposto ao meu, onde eu não reencontre nada de meu pensamento consciente, onde minha imaginação se exalte e sinta mergulhada no seio do não-eu; sinto-me feliz que pondo o pé — avenida da Estação, no Porto ou na praça da Matriz — num desses hotéis de província, de compridos corredores frios, onde o vento de fora luta com sucesso contra os esforços do aquecedor, onde o mapa detalhado da região é ainda o único ornamento das paredes, onde cada ruído não faz senão evidenciar o silêncio, deslocando-o, onde os quartos guardam um perfume de ambiente fechado que o ar de fora vem lavar, mas não apaga, e que as narinas aspiram cem vezes para conduzi-lo à imaginação, que se encanta, que o faz posar como um modelo para tentar recriá-lo em si mesma com tudo que ele contém de pensamentos e de lembrança; onde à tarde, quando se abre a porta do quarto, tem-se o sentimento de violar toda a vida que ali restou dispersa, de tomá-la ousadamente pela mão, quando, fechada a porta, avançamos até a mesa ou até a janela; de sentar-se com ela, numa espécie de promiscuidade livre, no canapé feito pelo tapeceiro do lugarejo, segundo o gosto que ele acreditava ser o de Paris; de tocar em toda parte a nudez dessa vida com o desígnio de inquietar-se a si mesmo com sua própria familiaridade, pondo aqui e ali as suas coisas, desempenhando o mestre nesse quarto cheio até as bordas da alma dos outros e que guarda até nas formas das chaminés e no desenho das cortinas a impressão de seu sonho, caminhando com os pés descalços sobre seu tapete desco-

nhecido; então, esta vida secreta, tem-se o sentimento de fechá-la em si quando se vai, tremendo, puxar o ferrolho; de empurrá-la diante de si no leito e de deitar, enfim, com ela nos grandes lençóis brancos que cobrem nosso rosto enquanto, ao lado, a igreja toca para toda a cidade as horas de insônia dos moribundos e dos amorosos.

Não fazia muito tempo que lia no quarto e já era preciso ir ao parque, a um quilômetro da vila<sup>1</sup>. Mas após o jogo obrigatório, eu abreviava o fim da merenda trazida em cestos e distribuída às crianças às margens do rio, sobre a relva onde o livro tinha sido posto ainda com a proibição de que fosse retomado. Um pouco mais longe, em certos cantos bastante incultos e bastante misteriosos do parque, o rio deixava de ser uma água retilínea e artificial, coberta de cisnes e margeada de aléias onde sorriam estátuas, e, momentaneamente saltitante de carpas, precipitava-se, passava rapidamente a cerca do parque, tornava-se um rio no sentido geográfico do termo — um rio que devia ter um nome, — e não tardava a se espalhar (seria realmente o mesmo que corria entre as estátuas e sob os cisnes?) entre pastagens onde dormiam bois e onde ele afogava botões-de-ouro, espécies de prados que ele tornou bastante alagadiços e que estando, de um lado, junto à vila, perto de torres disformes — ruínas, dizia-se, da idade média —, alcançava, de outro, por caminhos de roseiras-bravas e de espinheiros brancos, a “natureza” que se estendia ao infinito, vilas que tinham outros nomes, o desconhecido. Eu deixava os outros terminarem de lanchar na parte baixa do parque, à margem dos cis-

nes, e subia correndo no labirinto até uma alameda onde eu me sentava, impossível de ser encontrado, recostado nos nogueirais podados, olhando os aspargos, a cercadura dos pés de morango, o lago, onde, certos dias, os cavalos faziam a água subir de nível andando à sua volta, a porteira branca que estava acima, no “fim do parque” e, além, os campos de *bleuets* e de papoulas. Nessa alameda, o silêncio era profundo, o risco de ser descoberto, quase nulo, a segurança mais doce, pelos gritos distantes, que, lá de baixo me chamavam em vão, algumas vezes se aproximavam, subiam os primeiros taludes, procurando em toda parte, depois retornavam sem nada encontrar; depois, nenhum ruído; apenas, de quando em quando, o som de ouro dos sinos que, ao longe, para além das planícies, pareciam soar atrás do céu azul, poderia advertir-me sobre o tempo que passava; mas, surpreendido por sua doçura e tocado pelo silêncio mais profundo, esvaizado dos últimos sons, que o seguia, jamais podia dizer ao certo o número de batidas. Não eram os sinos troantes que se ouvia quando se voltava para a vila — quando se aproximava da igreja, que, de perto, tinha retomado seu porte alto e esguio, erguendo no céu azul da tarde seu capuz de ardósia pontilhado de corvos — e que faziam estourar o som sobre a praça “para o bem da terra”. Ao fim do parque, não chegavam senão fracos e suaves, não se dirigindo a mim, mas a todo o campo, a todas as vilas, aos camponeses isolados na sua terra, não me forçavam absolutamente a levantar a cabeça, passavam perto de mim, levando a hora aos rincões distantes, sem ver-me, sem conhecer-me e sem incomodar-me.

Algumas vezes, em casa, no meu leito, muito tempo depois do jantar, as últimas horas da noite, antes de adormecer, abrigavam também minha leitura, mas isso somente nos dias em que eu chegava aos últimos capítulos de um livro, que não faltava muito para chegar ao fim. Então, arriscando ser punido se fosse descoberto e ter insônia que, terminado o livro, se prolongava, às vezes, a noite inteira, eu reacendia a vela, assim que meus pais iam deitar; enquanto isso, na rua vizinha, entre a casa do armeiro e o correio, banhadas de silêncio, o céu sombrio, mas azul, estava cheio de estrelas; à esquerda na viela suspensa, onde começava sua ascensão espiralada, sentia-se a vigília monstruosa e negra da abside da igreja cujas esculturas não dormiam à noite, a igreja da vila e, no entanto, histórica, morada mágica do Bom Deus, do pão bento, dos santos multicolores e das damas dos castelos vizinhos que, nos dias de festa, quando atravessavam o mercado, fazendo pipilarem as galinhas e atraindo os olhares das comadres, vinham à missa “nas suas parselhas”, não sem deixar de comprar, ao regressar, na doceria da praça — imediatamente após ter deixado a sombra do pórtico onde os fiéis empurrando a porta giratória semeavam os rubis errantes da nave — alguns desses doces em forma de torre, protegidos do sol por um estore — “manqués”, “Saint-Honorés” e “génoises”, — cujo odor ocioso e açucarado eu guardei misturado com os sinos da missa cantada e com a alegria dos domingos.

Depois a última página era lida, o livro tinha acabado. Era preciso parar a corrida desvairada dos olhos e da voz

que seguia sem ruído, para apenas tomar fôlego, num suspiro profundo. Então, a fim de dar aos tumultos há muito desencadeados em mim, outros movimentos para se acalmarem, eu me levantava, punha-me a caminhar a longo da cama, os olhos ainda fixos em em vão, se buscaria em meu quarto ou ele não estava situado senão numa dessas distâncias que não se medem por metros e por léguas como as outras, e que, aliás, é impossível confundir com elas quando se olham os olhos “distantes” dos que pensam “em outra coisa”. E aí? Esse livro não era senão isso? Esses seres a quem se deu mais atenção e ternura que às pessoas da vida, nem sempre ousando dizer o quanto a gente os amava, mesmo quando nossos pais nos encontravam lendo e pareciam sorrir de nossa emoção, e fechávamos o livro com uma indiferença afetada e um tédio fingido. Essas pessoas por quem se tinha suspirado e soluçado, não as veríamos jamais, jamais saberíamos alguma coisa delas. Já, depois de algumas páginas, o autor no “Epílogo” cruel, teve o cuidado de “espaçá-las” com uma indiferença incrível para quem sabia o interesse com que tinham sido acompanhadas até ali, passou a passo. Cada hora de sua vida nos havia sido narrada. Depois, subitamente: “Vinte anos após estes acontecimentos podia-se encontrar nas ruas de Fougères<sup>2</sup> um velho ainda ereto, etc.” E o casamento cuja possibilidade deliciosa os dois volumes se empenharam a nos fazer entrever, assustando-nos, reconfortando-nos a cada obstáculo erguido, depois superado, é por uma frase acidental de um personagem secundário que ficamos sabendo que ele foi celebrado,

sem saber exatamente quando; neste epílogo surpreendente que parecia escrito, do alto do céu, por uma pessoa indiferente às nossas paixões de um dia, e que havia substituído o autor. Queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse impossível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas, empenhar a nossa em coisas que não fossem totalmente estranhas ao amor que eles nos haviam inspirado<sup>3</sup> e de cujo objeto de repente sentíamos falta, não ter amado em vão, por uma hora, seres que amanhã não seriam mais que um nome numa página esquecida, num livro sem relação com a vida e sobre cujo valor nos enganamos totalmente, pois sua sorte aqui embaixo, agora o compreendíamos e nossos pais o confirmavam numa frase cheia de desprezo, não era, como havíamos acreditado, conter o universo e o destino, mas sim ocupar um lugar estreitinho na biblioteca do notário, entre os fastos sem prestígio do *Journal de Modes illustré* e da *Géographie d'Eure-et-loir* .....

... Antes de mostrar no começo dos "*Trésors des Rois*", porque a leitura, a meu ver, não deve desempenhar na vida o papel preponderante que lhe atribui Ruskin nesse pequeno trabalho, eu devia excluir as encantadoras leituras da infância cuja lembrança deve restar para cada um de nós uma bênção. Sem dúvida não fiz mais do que provar pelo tamanho e pelo caráter do desenvolvimento precedente o que eu já havia dito antes: o que as leituras da infância deixam em nós é a imagem dos lugares e dos dias em que as fizemos. Não escapei ao

seu sortilégio: querendo falar delas, falei de outras coisas diferentes de livros, porque não é deles que elas me falaram. Mas talvez as lembranças que elas me trouxeram tenham elas mesmas sido despertadas nos leitores, conduzindo-os pouco a pouco — retardando-se nesses caminhos floridos e enviezados — a recriar em seu espírito o ato psicológico original chamado *Leitura*, com força suficiente para poder seguir agora como que dentro dele mesmo as reflexões que me restam a apresentar.

Sabe-se que os "*Trésors des Rois*" é uma conferência sobre a leitura que Ruskin proferiu no Hôtel-de-Ville de Rusholme, perto de Manchester, no dia 6 de dezembro de 1864, para ajudar a criação de uma biblioteca no Instituto de Rusholme. Em 14 de dezembro, pronunciou uma segunda conferência "*Des Jardins des Reines*" sobre o papel da mulher, para ajudar a fundar escolas em Ancoats. "Durante todo o ano de 1864, diz o sr. Collingwood no seu admirável trabalho *Life and Work of Ruskin*, ele permaneceu *at home*, salvo para fazer freqüentes visitas a Carlyle. E quando em dezembro em Manchester ele deu os cursos que, sob o nome de *Sésame et les Lys*, tornaram-se sua obra mais popular<sup>4</sup>, podemos discernir seu melhor estado de saúde física e intelectual nas cores mais brilhantes de seu pensamento. Podemos reconhecer os ecos de seus encontros com Carlyle no ideal heróico, aristocrático e estoico que ele propõe e na insistência com a qual ele retorna ao valor dos livros e das bibliotecas

de *leitura*. Não quis, para nos ensinar o preço da leitura, senão contar-nos uma espécie de belo mito platônico, com esta simplicidade dos gregos que nos mostraram quase todas as idéias verdadeiras e deixaram aos escrúpulos modernos a preocupação de aprofundá-las. Mas se creio que a leitura, na sua essência original, neste milagre fecundo de uma comunicação no seio da solidão, é alguma coisa mais, algo diferente do que disse Ruskin, não creio, apesar disso, que se possa reconhecer-lhe para a nossa vida espiritual o papel preponderante que ele parece atribuir-lhe.

Os limites de seu papel derivam da natureza de suas virtudes. E estas virtudes, é ainda às leituras de infância que vou perguntar em que é que consistem. Este livro, que vocês me viram lendo há pouco perto da lareira na sala de jantar, em meu quarto, no fundo de uma poltrona com um encosto para cabeça revestido de crochê, e durante boas horas depois do almoço, sob os nogueirais e os espinheiros brancos do parque, onde todos os sopros dos campos infinitos vinham de tão longe brincar silenciosamente perto de mim, estendendo, sem dizer palavra, às minhas narinas distraídas o odor dos trevos e dos sanfnos sobre os quais meus olhos fatigados às vezes se erguiam, este livro, como os olhos de vocês inclinando-se sobre ele não poderiam decifrar o seu título a vinte anos de distância, minha memória, cuja vista é mais apropriada a este gênero de percepções, vai nos dizer que era *O Capitão Fracasso*, de Théophile Gautier. Nele eu amava sobretudo duas ou três frases que me pareciam as mais

originais e as mais belas da obra. Não imaginava que um outro autor pudesse jamais escrever algo de comparável. Mas eu tinha o sentimento que sua beleza correspondia a uma realidade da qual Théophile Gautier não nos deixava entrever, uma ou duas vezes por volume, senão uma pontinha. E como eu pensava que ele seguramente a conhecia por inteiro, queria ler outros livros dele nos quais todas as frases seriam tão belas quanto aquelas e teriam por objeto as coisas sobre as quais gostaria de ter sua opinião. "O riso não é absolutamente cruel por natureza; ele distingue o homem do animal, e é, como aparece na *Odisséia* de Homero, poeta grego, o apanágio dos deuses imortais e bem-aventurados que riem olímpicamente toda a sua bebedeira durante os lazeres da eternidade<sup>6</sup>." Esta frase deixava-me verdadeiramente embriagado. Acreditava captar uma antigüidade maravilhosa através desta idade média que só Gautier podia me revelar. Mas eu gostaria que em vez de dizer isso furtivamente depois da descrição cansativa de um castelo que o grande número de termos que não conhecia me impedia de representar quase que totalmente, ele escrevesse ao longo do livro frases desse gênero e me falasse de coisas que, uma vez terminado o livro, eu poderia continuar a conhecer e a amar. Gostaria que ele me dissesse, ele, o único sábio detentor da verdade, o que eu devia pensar exatamente de Shakespeare, de Saintine, de Sófocles, de Eurípedes, de Silvio Pellico que li durante um mês de março bem frio, caminhando, batendo os pés, correndo pelos caminhos cada vez que fechava o livro, na exaltação da leitura concluída, das forças acumuladas na inatividade-

de, do vento salubre que soprava nas ruas da vila. Gostaria sobretudo que ele me dissesse se eu teria mais chance de chegar à verdade repetindo ou não a sexta série e sendo mais tarde diplomata ou advogado na Suprema Corte de Justiça. Mas logo depois da bela frase ele se punha a descrever uma mesa coberta “com uma tal camada de poeira que um dedo poderia nela desenhar caracteres”, coisa muito insignificante a meu ver para que atraísse minha atenção; ficava reduzido a perguntar quais outros livros Gautier havia escrito que pudessem contentar melhor minha aspiração e que me fizessem enfim conhecer seu pensamento por inteiro.

E nisto reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial e limitado que a leitura pode desempenhar na nossa vida espiritual) que para o autor poderiam chamar-se “Conclusões” e para o leitor “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos. Estes desejos, ele não pode despertar em nós senão fazendo-nos contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar. Mas por uma lei singular e, aliás, providencial da ótica dos espíritos (lei que talvez signifique que não podemos receber a verdade de ninguém e que devemos criá-la nós mesmos), o que é o fim de sua sabedoria não nos aparece senão como começo da nossa, de sorte que é no momento em que eles nos disseram tudo que podiam nos dizer

que fazem nascer em nós o sentimento de que ainda nada nos disseram. Aliás, se lhes fizermos perguntas, às quais não podem responder, também pedimos-lhes respostas que não nos instruirão em nada. Porque é um efeito do amor que os poetas consigam fazer com que demos uma importância literal a coisas que não são para eles mais do que significativas de emoções pessoais. Em cada quadro que nos mostram, parecem dar-nos apenas uma ligeira impressão de uma paisagem maravilhosa, diferente do resto do mundo e no coração da qual gostaríamos que eles nos fizessem penetrar. “Transportem-nos”, gostaríamos de poder dizer ao sr. Maeterlinck, à sra. de Noailles, “no jardim de Zelândia onde crescem flores fora de moda”, para a estrada perfumada “de trevos e de artemísias”, e para todos os lugares da terra de que não nos falaram em seus livros, mas que vocês julgam tão bonitos como aqueles. Gostaríamos de ir ver esse campo que Millet (pois os pintores nos ensinam no modo dos poetas) nos mostra em seu *Primavera*, gostaríamos que o sr. Claude Monet nos conduzisse a Giverny, à margem do Sena, a este recanto do rio que ele nos deixa apenas entrever através da bruma da manhã. Ora, na realidade, são simples acasos de relações ou de parentesco que, dando-lhes a oportunidade de estar com eles, fizeram a sra. de Noailles, Maeterlinck, Millet, Claude Monet escolherem, para pintá-los, este e não outro jardim, esta e não outra estrada, este e não outro recanto do rio. O que os faz parecer diferentes e mais belos que o resto do mundo é que eles trazem em si, como um reflexo intangível, a insaciável impressão que deram ao gênio, e que nós veríamos

errar tão singular quanto despótica sobre a face indiferente e submissa de todas as regiões que ele teria pintado. Essa aparência com que eles nos encantam e nos decepcionam e para além da qual gostaríamos de ir, é a própria essência dessa coisa, de algum modo, sem espessura, — miragem estática sobre uma tela, — que é uma visão. E essa bruma que nossos olhos ávidos gostariam de penetrar é a última palavra da arte do pintor. O supremo esforço do escritor como artista não consegue senão erguer parcialmente para nós o véu da feiúra e da insignificância que nos deixa negligentes diante do universo. Então, ele nos diz:

“Regarde, regarde  
Parfumés de trèfle et d’armoise,  
Serrant leurs vifs ruisseaux étroits  
Les pays de l’Aisne et de l’Oise.”

(Olhe, olhe  
Perfumadas de trevo e de artemísia,  
Comprimindo seus vivos regatos estreitos  
As regiões d’Aisne e d’Oise.”)

“Olhe a casa de Zelândia, rosa e brilhante como uma concha. Olhe! Aprenda a ver!” E neste momento ele desaparece. Este é o preço da leitura e esta é a sua insuficiência. É dar um papel muito grande ao que não é mais que uma iniciação para uma disciplina. A leitura está no limiar da vida espiritual; ela pode nela nos introduzir, mas não a constitui.

Há, contudo, certos casos, certos casos patológicos, por assim dizer, de depressão espiritual para os quais a leitura pode tornar-se uma espécie de disciplina curativa e se encarregar, por incitações repetidas, de reintroduzir perpetuamente um espírito preguiçoso na vida do espírito. Os livros desempenham então um papel análogo aos psicoterapeutas para certos neurastênicos.

Sabe-se que, em certas afecções do sistema nervoso, o doente, sem que tenha nenhum de seus órgãos atingidos, é mergulhado numa espécie de impossibilidade de querer, como numa rotina profunda da qual não pode escapar sozinho e na qual acabará por perecer se uma mão poderosa e segura não lhe for estendida. Seu cérebro, suas pernas, seus pulmões, seu estômago continuam intactos. Não têm nenhuma incapacidade real de trabalhar, de andar, de expor-se ao frio, de comer. Mas estes diferentes atos, que ele seria absolutamente capaz de realizar, ele é incapaz de querer realizá-los. E uma degradação orgânica, que terminaria por tornar-se equivalente a uma doença que ele não tem, seria a consequência irremediável da inércia de sua vontade, se o estímulo que ele não pode encontrar em si mesmo não lhe viesse de fora, de um médico que queira por ele, até o dia em que sejam pouco a pouco reeducadas suas diversas vontades orgânicas. Ora, existem certos espíritos que poderiam ser comparados a esses doentes e que uma espécie de preguiça<sup>7</sup> ou de frivolidade impedem de descer espontaneamente às regiões mais profundas de si mesmos onde começa a verdadeira vida do espírito. Não basta que sejam conduzidos

uma vez para que sejam capazes de descobrir e de explorar as verdadeiras riquezas, que lá subjazem, mas, sem essa intervenção estrangeira, eles vivem na superfície num perpétuo esquecimento de si mesmos, numa espécie de passividade que os torna o brinquedo de todos os prazeres, os diminui até o tamanho dos que os cercam e os agitam, e, semelhantes a este cavaleiro que, convivendo desde a sua infância com salteadores de estrada, não se lembrava mais de seu nome, por ter há muito cessado de utilizá-lo, eles terminariam por abolir em si próprios todo sentimento e toda lembrança de sua nobreza espiritual, se um estímulo exterior não viesse, de alguma forma, reintroduzir força na vida do espírito, no qual subitamente reencontram o poder de pensar por si mesmos e de criar. Ora, este estímulo que o espírito preguiçoso não pode encontrar em si próprio e que deve vir de outrem, é claro que deve recebê-lo no seio da solidão fora da qual, como vimos, não se pode produzir esta atividade criativa que é preciso ressuscitar. Da pura solidão o espírito preguiçoso não pode tirar nada, pois é incapaz de, sozinho, pôr em movimento sua atividade criativa. Mas a mais elevada conversação, os conselhos mais profundos também de nada serviriam, já que essa atividade original, eles não a podem produzir diretamente. O que é preciso, portanto, é uma intervenção que, vinda de um outro, se produza no fundo de nós mesmos, é o estímulo de um outro espírito, mas recebido no seio da solidão. Ora, vimos que essa era precisamente a definição da leitura e que não era conveniente senão à leitura. A única disciplina que pode exercer uma influência favorável sobre estes espíritos é,

portanto, a leitura: como queríamos demonstrar, à maneira do que dizem os geômetras. Mas ainda aqui a leitura não age senão sob a forma de um estímulo que não pode de modo algum substituir-se à nossa atividade pessoal; ela se contenta em nos devolver o seu uso como nas afecções nervosas às quais aludimos há pouco, o psicoterapeuta não faz mais que restituir ao doente a vontade de se servir de seu estômago, de suas pernas, de seu cérebro, que permaneceram intactos. Aliás, seja porque todos os espíritos participam mais ou menos dessa preguiça, dessa estagnação nos níveis mais baixos, seja porque, sem que lhe seja necessária, a exaltação que acompanha certas leituras tem uma influência propícia sobre o trabalho pessoal, cita-se mais de um escritor que amava ler uma bela página antes de se pôr a trabalhar. Emerson raramente começava a escrever sem reler algumas páginas de Platão. E Dante não é o único poeta que Virgílio conduziu às portas do paraíso.

Na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar. Torna-se perigosa, ao contrário, quando, em lugar de nos despertar para a vida pessoal do espírito, a leitura tende a substituir-se a ela, quando a verdade não aparece mais como um ideal que não podemos realizar senão pelo progresso íntimo de nosso pensamento e pelo esforço de nosso coração, mas como uma coisa material, depositada entre as folhas dos livros como um mel todo preparado pelos outros e que



→ a cultura é reconhecimento  
leitura "cultura" → faz  
perigo

não temos senão de fazer o pequeno esforço para pegar nas prateleiras das bibliotecas e, em seguida, degustar passivamente num repouso perfeito do corpo e do espírito. Às vezes, em certos casos um pouco excepcionais, e, aliás, menos perigosos, como veremos, a verdade, concebida ainda como exterior, está distante, escondida em um local de difícil acesso. É então algum documento secreto, alguma correspondência inédita, memórias que podem lançar sobre certos caracteres uma luz inesperada, e com os quais é difícil ter comunicação. Que felicidade, que repouso para um espírito fatigado de procurar a verdade em si mesmo e dizer-se que ela está situada fora dele, nas folhas de um *in-folio*, conservado com zelo extremo num convento da Holanda, e que se, para chegar até ela é preciso esforço, este esforço será totalmente material e não será para o pensamento mais do que um passatempo charmoso. Sem dúvida, será preciso fazer uma longa viagem, atravessar em balsas planícies gementes de vento enquanto nas margens os caniços se inclinam e se endireitam um a um numa ondulação sem fim; será preciso parar em Dordrecht, que reflete sua igreja coberta de hera nos entrelagos dos canais adormecidos e no Mosa fremente e dourado onde os barcos deslizantes perturbam, nas tardes, os reflexos alinhados dos tetos vermelhos e do céu azul; e enfim, terminada a viagem, não estaremos ainda seguros de receber a comunicação da verdade. Para isso, será preciso recorrer a poderosas influências, ligar-se ao venerável arcebispo de Utrecht, à bela figura categórica de antigo jansenista, ao piedoso guardião dos arquivos de Amersfoort. A conquista da ver-

dade é concebida, nesse caso, como o sucesso de uma espécie de missão diplomática em que não faltaram nem as dificuldades da viagem, nem os acasos da negociação. Mas que importa? Todos esses membros da velha igreja de Utrecht, de cuja boa vontade depende que entremos na posse da verdade, são pessoas charmosas, cujos semblantes do século XVII mudam figuras habituais para nós, e com quem será divertido manter relações, ao menos por correspondência. A estima de que nos continuarão a enviar de tempos em tempos o testemunho nos revelará a nossos próprios olhos e guardaremos suas cartas como um certificado e como uma curiosidade. E não deixaremos um dia de dedicar-lhes um de nossos livros, que é o menos que se pode fazer para pessoas que nos fizeram dom... da verdade. E quanto às poucas pesquisas, aos curtos trabalhos que seremos obrigados a fazer na biblioteca do convento e que serão os preliminares indispensáveis ao ato de entrar na posse da verdade — da verdade que por maior prudência e para que não haja risco de que nos escape tomaremos nota — teríamos má vontade se lamentássemos as penas que eles poderão nos dar: a calma e o frescor do velho convento são tão deliciosos, onde as religiosas usam ainda o alto chapéu de asas brancas que elas têm no Roger Van der Weyden do locutório; e, enquanto trabalhamos, os carrilhões do século XVII atordoam tão ternamente a água ingênua do canal que um pouco de sol pálido basta para seduzir entre a fileira dupla de árvores desfolhadas desde o final do verão que roçam os espelhos pendurados nas casas de pinhões das duas margens<sup>8</sup>.

Essa concepção de uma verdade surda aos apelos da reflexão e dócil ao jogo das influências, de uma verdade que se obtém através de cartas de recomendação que são entregues em mãos daquele mesmo que a possuía materialmente sem, talvez, sequer conhecê-la, de uma verdade que se deixa copiar num carnê, essa concepção da verdade, no entanto, está longe de ser a mais perigosa de todas. Porque, com bastante frequência, para o historiador, até para o erudito, essa verdade que vão, longe, procurar num livro é menos, falando com propriedade, a verdade, ela mesma, que seu índice ou sua prova, deixando, conseqüentemente, lugar para uma outra verdade que ela anuncia ou que verifica e que é no mínimo uma criação individual do espírito. O mesmo não se passa com o letrado. Este lê por ler, para reter o que leu. Para ele, o livro não é o anjo que esvoaça assim que se abrem as portas do jardim celeste, mas um ídolo imóvel que ele adora pelo que é, que, em vez de receber uma dignidade verdadeira dos pensamentos que desperta, comunica uma dignidade factícia a tudo que o cerca. O literato invoca sorrindo tal ou tal nome que se encontra em Villehardouin ou em Bocaccio<sup>9</sup>, este ou aquele uso que é descrito em Virgílio. Seu espírito sem atividade original não sabe separar nos livros a substância que poderia torná-lo mais forte; ele se embaraça com sua forma intacta, que, ao invés de ser para ele um elemento assimilável, um princípio de vida, não é senão um corpo estranho, um princípio de morte. Será necessário dizer que se eu qualifico de doentio esse gosto, essa espécie de respeito fetichista pelos livros, é relativamente ao que seriam os hábitos

ideais de um espírito sem defeitos, que não existe, e como fazem os fisiologistas que descrevem um funcionamento normal de órgãos, que não se verifica jamais entre os seres vivos. Na realidade, ao contrário, se não há mais espíritos perfeitos do que corpos inteiramente sãos, o que chamamos grandes espíritos são também suscetíveis, como os outros, a essa “doença literária”. Mais que os outros, poder-se-ia dizer. Parece que o gosto pelos livros cresce com a inteligência, um pouco abaixo dela mas no mesmo tronco, como toda paixão se faz acompanhar de uma predileção pelo que cerca seu objeto, pelo que tem relação com ele e que na sua ausência continua a falar dele. Também os maiores escritores, nas horas em que não estão em comunicação direta com o pensamento, contentam-se com a sociedade dos livros. Não foi sobretudo para eles, afinal, que foram escritos; não revelam belezas mil, que permanecem veladas ao homem vulgar? Para dizer a verdade, o fato de os espíritos superiores serem o que se chama livrescos não prova absolutamente que isso não seja um defeito do ser. . . Do fato de os homens medíocres serem freqüentemente trabalhadores e os inteligentes preguiçosos não se pode concluir que o trabalho não é para o espírito uma disciplina melhor que a preguiça. Apesar disso, encontrar num grande homem um de nossos defeitos nos inclina sempre a nos perguntar se, no fundo, não se tratava de uma qualidade desconhecida, e nós não descobrimos sem prazer que Victor Hugo sabia Quinto-Cúrcio, Tácito e Justino de cor, que ele tinha condições, se lhe fosse contestada a legitimidade de um termo<sup>10</sup>, de estabelecer a sua filiação, até a origem, atra-

vés de citações que provavam uma verdadeira erudição. (Mostrei, aliás, como essa erudição tinha alimentado a sua genialidade ao invés de sufocá-lo como um feixe de lenha que apaga um pequeno fogo e alimenta um grande.) Maeterlinck, que é para nós o contrário do letrado, cujo espírito está perpetuamente aberto às mil e uma emoções anônimas comunicadas pela colméia, pelas verduras ou pela pastagem, nos tranqüiliza bastante quanto aos perigos da erudição, da bibliofilia, quando nos descreve, como curioso, as gravuras que ilustram uma velha edição de Jacob Cats ou do abade Sanderus. Aliás, esses perigos, quando existem, ameaçando menos a inteligência do que a sensibilidade, a capacidade de leitura aproveitável, se assim se pode dizer, é muito maior nos pensadores do que nos escritores de imaginação. Schopenhauer, por exemplo, nos oferece a imagem de um espírito cuja vitalidade apóia-se levemente sobre uma grande quantidade de leitura, sendo novo cada conhecimento reduzido imediatamente à parte da realidade, à porção viva que ela contém. Schopenhauer não avança jamais uma opinião sem apoiá-la imediatamente em várias citações, mas sente-se que os textos citados não são para ele senão exemplos, alusões inconscientes e antecipadas nas quais ele gosta de reencontrar traços de seu próprio pensamento, mas que não o inspiraram em nada. Lembro-me de uma página do *Mundo como Representação e como Vontade* no qual talvez haja vinte citações, uma atrás da outra. Trata-se do pessimismo (naturalmente, abrevio as citações): “Voltaire, em *Cândido*, faz guerra ao otimismo de uma maneira divertida, Byron também o fez, à sua maneira

trágica, em *Caim*. Heródoto conta que os Trácios saudavam os recém-nascidos com gemidos e se rejubilavam a cada morte. É o que está expresso nos belos versos de Plutarco: “Lugere genitum, tanta qui intravit mala, etc.” É a isso que é preciso atribuir o costume dos Mexicanos de desejar, etc., e Swift obedecia ao mesmo sentimento quando, desde a sua juventude (se se der crédito à sua biografia por Walter Scott) comemorava o dia de seu nascimento como um dia de aflição. Todos conhecem essa passagem da *Apologia de Sócrates* em que Platão diz que a morte é um bem admirável. Uma máxima de Heráclito foi concebida da mesma maneira: “Vitae nomen quidem est vita, opus autem mors.” Quanto aos belos versos de Théognis, são célebres: “Optima sors homini non esse, etc.” Sófocles, em *Édipo em Colon* (1224) abrevia da seguinte maneira: “Natum non esse sortes vincit alias omnes, etc.” Eurípedes diz: “Omnis hominum vita est plena dolore” (Hípólito, 189), e Homero já havia dito: “Non enim quidquam alicubi est calamitosius homine omnium, quotquot super terram spirant, etc.” Aliás, Plínio também o disse: “Nullum melius esse tempestiva morte.” Shakespeare põe suas palavras na boca do velho Henrique IV: “O, if this were seen — The happiest youth, — Would shut the book and sit him down and die.” Enfim, Byron: “This something better not to be.” Baltazar Gracián nos pinta a existência com as cores mais negras no *Criticón*, etc.<sup>11</sup> Se já me deixei levar tão longe por Schopenhauer, teria prazer em completar essa pequena demonstração com a ajuda dos *Aforismas sobre a Saboria na Vida*, que é, talvez, de todas as obras que

conheço, aquela que supõe num autor, juntamente com o máximo de leitura, o máximo de originalidade, de forma que no frontispício deste livro, no qual cada página contém várias citações, Schopenhauer pode escrever do modo mais sério do mundo: "Compilar não é o que convém".

Sem dúvida, a amizade, a amizade que diz respeito aos indivíduos, é uma coisa frívola, e a leitura é uma amizade. Mas ao menos é uma amizade sincera, e o fato de dirigir-se a um morto, a um ausente, lhe dá qualquer coisa de desinteressada, quase tocante. Além do mais, é uma amizade desembaraçada de tudo o que faz a feiúra das outras. Como não somos, nós os vivos, senão mortos que ainda não entraram nas suas funções, toda essa polidez, todas essas saudações no vestíbulo que chamamos deferência, gratidão, devotamento e onde misturamos tantas mentiras, são estéreis e fatigantes. Além disso, — desde as primeiras relações de simpatia, de admiração, de reconhecimento, — as palavras que pronunciamos, as primeiras letras que escrevemos, tecem em torno de nós uma toalha de hábitos, de um verdadeiro modo de ser, do qual não podemos mais nos desembaraçar nas amizades seguintes; sem contar que durante esse tempo, as palavras excessivas que pronunciamos permanecem como letras de câmbio que devemos pagar, ou que pagará mais caro ainda toda nossa vida com o remorso de tê-las deixado ir a protesto. Na leitura, a amizade é de repente levada à sua pureza primitiva. Com os livros, não há amabilidade. Esses amigos, se passamos a noite com eles, será porque realmente temos vontade de fazê-lo. Não os dei-

xamos, pelo menos estes, senão com remorso. E quando os deixamos, não levamos nenhum desses pensamentos que mimam a amizade: O que é que pensaram de nós? — Será que não tivemos tato? — Será que agradamos? — e o medo de ser esquecido por um outro. Todas essas agitações expiram na soleira dessa amizade pura e calma que é a leitura. Nenhuma deferência tampouco; não rimos do que diz Molière a não ser na medida exata em que o achamos engraçado; quando nos entedia, não temos medo de parecer entediados, e quando decididamente cansamos de estar com ele, nós o repomos no seu lugar tão bruscamente como se ele não fosse genial nem tivesse celebridade. A atmosfera dessa amizade pura é o silêncio, mais puro que a palavra. Porque falamos para os outros, mas nos calamos para nós mesmos. O silêncio também não traz, como a palavra, a marca de nossos feitos, de nossos esgares. É puro, é verdadeiramente uma atmosfera. Entre o pensamento do autor e o nosso, ele não interpõe estes elementos irreduzíveis, refratários ao pensamento de nossos diferentes egoísmos. A própria linguagem do livro é pura (se é que o livro mereça este nome); torna-se transparente pelo pensamento do autor que dela retirou tudo o que não era ele próprio até torná-la sua imagem fiel; cada frase, no fundo, se parece com as outras, pois todas são ditas pela mesma inflexão de uma personalidade; daí uma espécie de continuidade que as relações da vida e aquilo que elas misturam com o pensamento de elementos que lhe são estranhos excluem e que permite rapidamente seguir a própria linha do pensamento do autor, os traços de sua fisionomia que se refle-

tem nesse espelho calmo. Sabemos agradar-nos a cada passo com as características de cada um sem que haja necessidade que sejam admiráveis, pois é um grande prazer para o espírito distinguir essas pinturas profundas e amar com uma amizade sem egoísmo, sem frases, como em si mesma. Um Gautier, simplesmente um rapaz de bom gosto (é divertido pensar que ele pode ser considerado como o representante da perfeição na arte), é assim que ele nos agrada. Não exageremos o seu poder espiritual, e na sua *Voyage en Espagne*, onde cada frase, sem que ele perceba, acentua e acompanha o traço cheio de graça e de alegria de sua personalidade (as palavras se ordenam por si próprias para desenhá-la, porque foi ela que as acolheu e dispôs nessa ordem), não podemos impedir-nos de considerar bastante afastada da verdadeira arte essa obrigação, à qual ele acredita dever sujeitar-se, de não deixar uma única forma sem descrevê-la inteiramente, acompanhando-a com uma comparação que, não tendo nascido de nenhuma impressão agradável e forte, não nos encanta de forma alguma. Não podemos senão acusar a impiedosa aridez de sua imaginação quando compara o campo com suas culturas variadas “a esses cartões de alfaiate em que se colam amostras de calças e de coletes” e quando ele diz que de Paris a Angoulême não há nada para admirar. E nós sorrimos deste gótico fervoroso que nem mesmo se deu ao trabalho de ir a Chartres visitar a catedral <sup>12</sup>.

Mas que bom humor, que bom gosto! como nós seguimos voluntariamente em suas aventuras esse companhei-

ro alheio de entretenimento; ele é tão simpático que tudo ao seu redor se contagia. E depois de alguns dias passados juntos do comandante Lebarbier de Tinan, retido pela tempestade a bordo de seu belo navio “brilhante como o ouro”, ficamos tristes que ele não diga mais nenhuma palavra sobre este amável marinheiro e nos obrigue a deixá-lo para sempre sem nos contar o que aconteceu com ele depois <sup>13</sup>. Sentimos que sua alegria tagarela e suas melancolias também são costumes um pouco desleixados de jornalista. Mas nós deixamos passar tudo isso, nós fazemos o que ele quer, nós nos divertimos quando ele entra molhado até os ossos, morrendo de fome e de sono, e nos entristecemos quando ele recapitula com uma tristeza de folhetinista os nomes dos homens de sua geração mortos prematuramente. Dizíamos dele que suas frases desenhavam sua fisionomia, mas sem que ele se desse conta disso; porque se as palavras são escolhidas, não por nosso pensamento segundo as afinidades de sua essência, mas pelo desejo de pintar-nos, ele representa esse desejo e não nos representa. Fromentin, Musset, apesar de todos os seus dons, porque quiseram deixar seus retratos para a posteridade, pintaram-no de maneira bastante medíocre; ainda assim eles nos interessam infinitamente, pois o seu fracasso é instrutivo. De modo que quando um livro não é o espelho de uma individualidade poderosa, ele continua a ser o espelho dos defeitos curiosos do espírito. Mergulhados num livro de Fromentin ou num livro de Musset, percebemos no fundo do primeiro o que há de pequeno e de tolo, numa certa “distinção”, e, no fundo do segundo, o que há de vazio na eloquência.

Se o gosto pelos livros cresce com a inteligência, seus perigos, como vimos, diminuem com ela. Um espírito original sabe subordinar a leitura à sua atividade pessoal. Ela não é para ele senão a mais nobre das distrações, sobretudo a mais enobrecedora, pois, somente a leitura e o saber dão as “belas maneiras” do espírito. O poder de nossa sensibilidade e de nossa inteligência, não podemos desenvolvê-lo senão em nós mesmos, nas profundezas de nossa vida espiritual. Mas é nesse contato com os outros espíritos, contato que é a leitura, que se faz a educação das “maneiras” do espírito. Os letrados permanecem, apesar de tudo, como pessoas de qualidade de inteligência, e ignorar um certo livro, numa certa particularidade da ciência literária, sempre permanecerá, mesmo num homem genial, uma marca de plebeidade intelectual. A distinção e a nobreza consistem, também na ordem do pensamento, numa espécie de franco-maçonomia de usos, e numa herança de tradições<sup>14</sup>.

Muito rapidamente, nesse gosto e nesse divertimento de ler, a preferência dos grandes escritores e os livros dos antigos. Aqueles mesmos que pareceram a seus contemporâneos como os mais “românticos” não liam senão os clássicos. Na conversação de Victor Hugo, quando fala de suas leituras, são os nomes de Molière, de Horácio, de Ovídio, de Regnard, que aparecem o mais das vezes. Alphonse Daudet, o menos livresco dos escritores, cuja obra toda de modernidade e de vida parece ter rejeitado toda herança clássica, lia, citava, comentava sem parar Pascal, Montaigne, Diderot, Tácito<sup>15</sup>. Poder-se-ia até mes-

mo dizer, renovando, talvez, através desta interpretação bastante parcial, a velha distinção entre clássicos e românticos, que é o público (o público inteligente, bem entendido) que é romântico, enquanto os mestres (mesmo os mestres ditos românticos, os mestres preferidos pelo público romântico) são clássicos. (Observação que poderia ser estendida a todas as artes. O público vai ouvir a música do sr. Vincent d'Indy, o sr. Vincent d'Indy relê a de Monsigny<sup>16</sup>. O público vai às exposições do sr. Vuillard e do sr. Maurice Denis, enquanto estes vão ao Louvre.) Isso se deve, sem dúvida, ao fato de esse pensamento contemporâneo, que os escritores e os artistas originais tornam acessível e desejável ao público, fazer, numa certa medida, tão parte deles mesmos que um pensamento diferente os diverte melhor. Ele lhes pede, para que eles possam alcançá-lo, mais esforço e lhes dá também mais prazer; ama-se sempre sair um pouco de si, viajar, quando se lê.

Mas é a uma outra causa que eu prefiro, para terminar, atribuir essa predileção dos grandes espíritos pelas obras antigas<sup>17</sup>. É que elas não têm apenas para nós, como as obras contemporâneas, a beleza que nelas soube incutir o espírito que as criou. Elas recebem uma outra beleza ainda mais emocionante do fato de que a sua própria matéria — ouço a língua em que foram escritas — é como um espelho da vida. Um pouco de felicidade que se experimenta quando se passeia numa cidade como Beaune que conserva intacto seu hospital do século XV, com seu poço, seu lavadouro, sua abóbada de madeira de lam-

brim pintada, seu teto com altos pinhões atravessado por lucarnas que culminam em leves espigas de chumbo batido (todas essas coisas que uma época ao desaparecer como que esqueceu lá, todas essas coisas que não pertenciam senão a ela, pois nenhuma época seguinte viu nascer coisas semelhantes), sente-se ainda um pouco desta felicidade quando se vagueia no meio de uma tragédia de Racine ou de um volume de Saint-Simon. Porque eles contêm todas as formas belas de linguagem abolidas que conservam a lembrança de usos ou de modos de sentir que não existem mais, marcas persistentes do passado ao qual nada do presente se parece e cuja passagem do tempo sobre elas não faz senão tornar-lhes mais belas as cores.

Uma tragédia de Racine, um volume das memórias de Saint-Simon assemelham-se a belas coisas que não se fazem mais. A linguagem em que foram esculpidas por grandes artistas com uma liberdade que faz brilhar a sua doçura e ressaltar a sua força nativa, nos emociona como a visão de certos mármore, hoje inusitados, que empregavam os trabalhadores de outrora. Sem dúvida, nesses velhos edifícios a pedra conservou fielmente o pensamento do escultor, mas também, graças ao escultor, a pedra, de uma espécie hoje desconhecida, nos foi guardada, revestida com todas as cores que ele soube tirar dela, soube fazer aparecer e harmonizar. Trata-se da sintaxe viva na França do século XVII — e nela costumes e uma forma de pensamento desaparecidos — que amamos encontrar nos versos de Racine. São as próprias formas dessa

sintaxe, postas a nu, respeitadas, tornadas belas pelo seu ~~língua~~ tão franco e tão delicado que nos emocionam nesses ~~trechos~~ meios de linguagem familiares até a singularidade e a ~~audácia~~<sup>18</sup> e dos quais vemos, nos trechos mais doces e ~~mais ternos~~, passar como um traço rápido ou voltar atrás ~~em~~ belas linhas quebradas, o brusco desenho. São essas ~~formas~~ formas acabadas e tomadas à própria vida do passado que ~~vamos~~ visitar na obra de Racine como numa cidade antiga e conservada intacta. Experimentamos diante delas a ~~mesma~~ mesma emoção que sentimos diante dessas formas abolidas, elas também são arquitetura que não podemos mais admirar senão nos raros e magníficos exemplares que nos ~~legou~~ o passado que os modelou: como os velhos muros das cidades, os torreões e as torres, os batistérios das igrejas; como no claustro, ou sob o ossário do Aitre, o pequeno cemitério que esquece ao sol, sob suas borboletas e suas flores, a urna funerária e a Lanterna dos Mortos.

Além disso, não são apenas as frases que desenham a nossos olhos as formas da alma antiga. Entre as frases — e eu penso em livros muito antigos que foram primeiro recitados, — no intervalo que as separa mora ainda hoje como num hipogeu inviolado, preenchendo os interstícios, um silêncio muitas vezes secular. Frequentemente no Evangelho de São Lucas, encontrando os *dois pontos* que o interrompem antes de cada trecho quase em forma de cânticos de que ele está recamado<sup>19</sup>, ouvi o silêncio do fiel, que acabava de parar sua leitura em voz alta para entoar os versículos seguintes<sup>20</sup> como um salmo que a ele

lembrava os salmos mais antigos da Bíblia. Esse silêncio enchia ainda a pausa da frase que, sendo cindida para cercá-lo, guardou-lhe a forma; e mais de uma vez, enquanto eu lia, trouxe-me o perfume de uma rosa que a brisa entrando pela janela aberta havia espalhado na sala alta onde ficava a Assembléia e que não tinha evaporado por dezessete séculos.

Quantas vezes, na *Divina Comédia*, em Shakespeare, tive esta impressão de ter diante de mim, inserido na hora presente, atual, um pouco do passado, esta impressão de sonho que se tem em Veneza na Piazzetta, diante de suas duas colunas de granito cinza e rosa que trazem sobre seus capitéis gregos, uma o Leão de São Marcos, outra, São Teodoro calcando com os pés o crocodilo, — belas estrangeiras vindas do Oriente pelo mar que elas olham ao longe e que vêm morrer a seus pés e que, ambas, sem compreender as conversações trocadas em torno delas numa língua que não é a do país, nessa praça pública onde ainda brilha o seu sorriso distraído, continuam a retardar no meio de nós os seus dias do século XII que elas intercalam nos nossos dias de hoje. Sim, em plena praça pública, no meio de hoje cujo império é interrompido nesse local, um pouco do século XII, do século XII, há tanto tempo transcorrido ergue-se num duplo e lá de granito rosa. Em torno, os dias atuais, os dias que vivemos circulam, agitam-se zumbindo em volta das colunas, mas aí, bruscamente, param, fogem como abelhas espantadas; porque elas não estão no presente, estes altos e finos enclaves do passado, mas num outro tempo no

qual é proibido ao presente penetrar. Em torno das colunas rosas, voltadas para os seus grandes capitéis, os dias se agitam e zumbem. Mas neles interpostas, elas os afastam, preservando de sua fina espessura o lugar inviolável do Passado: — do Passado surgido familiarmente no meio do presente, com esta cor um pouco irreal das coisas que uma espécie de ilusão nos faz ver a alguns passos, e que, na verdade, estão a séculos de distância; orientando-se em todo seu aspecto um pouco diretamente demais ao espírito, exaltando-o um pouco como, sem surpresa, um espectro de um tempo sepultado; no entanto, ali, no meio de nós, próximo, tangível, palpável, imóvel, ao sol.



## NOTAS

1. O que chamamos, não sei por que, uma vila é a localidade principal de um cantão ao qual o Guia Joanne atribui cerca de 3000 habitantes.
2. Confesso que um certo emprego do imperfeito do indicativo — deste tempo cruel que nos apresenta a vida como algo efêmero e ao mesmo tempo passivo, que, no momento mesmo em que retraça nossas ações, toca-as de ilusão, aniquila-as no passado sem nos deixar como o perfeito a consolação da atividade — permaneceu para mim uma fonte inesgotável de misteriosas tristezas. Hoje, ainda posso ter pensado durante horas na morte com calma; basta abrir um dos volumes dos *Lundis* de Sainte-Beuve e dar, por exemplo, com esta frase de Lamartine (trata-se da sra. d'Albany): "Nela nada *lembrava* nessa época... *Era* uma mulherzinha cujo talhe um pouco arcado sob seu peso tinha perdido etc." para logo me sentir invadido pela mais profunda melancolia. — Nos romances, a intenção de causar pena é tão visível no autor que a gente se insensibiliza um pouco mais.
3. Pode-se tentá-lo, por uma espécie de desvio, para os livros que não são de imaginação pura e onde há um substrato histórico. Balzac, por exemplo, cuja obra, de alguma forma impura, mistura espírito e realidade muito pouco transformada, presta-se às vezes singularmente a este tipo de leitura. Ou, ao menos, ele encontrou o mais admirável destes "leitores históricos" no sr. Albert Sorel que escreveu ensaios

incomparáveis sobre *Une Ténébreuse Affaire* e sobre *L'Envers de l'Histoire Contemporaine*. Quanto à leitura, de resto, esse gozo ao mesmo tempo ardente e tranqüilo, parece convir ao sr. Sorel, a este espírito investigador, a este corpo calmo e poderoso, a leitura, durante a qual mil sensações de poesia e de bem-estar confuso que esvoaçam com alegria no fundo da boa saúde vem compor em torno do devaneio do leitor um prazer doce e dourado como o mel. — Aliás, essa arte de encerrar tantas e fortes meditações originais na leitura, não é senão a propósito de obras semi-históricas que o sr. Sorel atingiu essa perfeição. Vou me lembrar sempre — e com total reconhecimento — que a tradução da *Bible d'Amiens* foi para ele o assunto das páginas mais poderosas que ele talvez jamais escreveu.

4. Esta obra foi, em seguida, aumentada pela adição de uma terceira conferência às duas primeiras: *The Mystery of Life and its Arts*. As edições populares continuaram a trazer apenas *Des Trésors des Rois* e *Des Jardins des Reines*. Traduzimos no presente volume apenas essas duas conferências, sem precedê-las de nenhum dos prefácios que Ruskin escreveu para *Sésame et les Lys*. As dimensões deste volume e a abundância de nosso próprio Comentário não nos permitiram fazer diferente. Salvo para quatro entre elas (Smith, Elder et C.<sup>o</sup>) as numerosas edições de *Sésame et les Lys* apareceram todas por Georges Allen, o ilustre editor de toda a obra de Ruskin, o mestre de Ruskin House.
5. *Sésame et les Lys*, “*Des Trésors des Rois*”, 6.
6. Na realidade, esta frase não se encontra, ao menos nessa forma, no *Capitão Fracasso*. Em vez de “como aparece na *Odisséia* de Homero, poeta grego”, há simplesmente “segundo Homero” mas como as expressões “aparece em Homero”, “aparece na *Odisséia*”, que se encontram em outras partes da mesma obra, me dão um prazer de qualidade semelhante, permito-me, para que o exemplo seja mais tocante para o leitor, fundir todas essas belezas em uma só, hoje que na verdade não tenho mais por elas respeito religioso. Em outras partes ainda no *Capitão Fracasso* é qualificado de poeta

grego e sei que isto também me encantava. Todavia, não sou mais capaz de reencontrar com muita exatidão estas alegrias esquecidas para assegurar-me que não forcei a mão e não perdi a medida acumulando numa só frase tantas maravilhas! não o creio, contudo. E eu penso com saudade que a exaltação com que eu repetia a frase do *Capitão Fracasso* aos lírios e às pervincas dependuradas nas margens do rio, pisando os pedregulhos da aléia, teria sido ainda mais deliciosa se eu pudesse ter encontrado em uma só frase de Gautier tanto dos seus charmes que o meu próprio artifício reúne hoje, sem chegar, infelizmente, a dar-me nenhum prazer.

7. Sinto-a germinar em Fontanes, de quem Sainte-Beuve disse: “nele, este lado epicurista era bastante forte... sem estes hábitos um pouco materiais, Fontanes, com seu talento, teria produzido muito mais... e obras mais duradouras. É preciso notar que o impotente pretende sempre não sê-lo. Fontanes diz:

“Perco meu tempo se lhes der crédito,  
Apenas eles são a honra do século.”

e garante que trabalha muito.

O caso de Coleridge já é mais patológico. “Nenhum homem de seu tempo, nem talvez de tempo algum, diz Carpenter citado pelo sr. Ribot no seu belo livro sobre as Doenças da Vontade, reuniu mais do que Coleridge o poder do raciocínio do filósofo, a imaginação do poeta, etc. E no entanto, não há ninguém que sendo tão dotado de talento, dele tenha tirado tão pouco. O seu grande defeito de caráter era a sua falta de vontade para tirar proveito de seus dons naturais, se bem que ele sempre tivesse flutuando no espírito projetos gigantescos, nunca procurou seriamente executar nenhum. Assim, desde o início de sua carreira ele encontrou um livreiro generoso que lhe prometeu trinta guinéus pelos poemas que ele tinha recitado, etc. Ele preferiu vir todas as semanas mendigar sem fornecer uma só linha do poema que ele não precisava senão escrever para se liberar.”

8. Não é necessário dizer que seria inútil procurar esse convento perto de Utrecht e que toda esta seqüência é puramente imaginária. No entanto, foi-me sugerida pelas linhas seguintes, do sr. Léon Séché na sua obra sobre Sainte-Beuve: "Ele (Sainte-Beuve) lembrou-se um dia, enquanto estava em Liège, de começar a conversa com a pequena igreja de Utrecht. Era um pouco tarde, mas Utrecht ficava bem longe de Paris e eu não sei se *Volupté* teria bastado para abrir-lhe de par em par os arquivos de Amersfoort. Duvido um pouco, porque mesmo após os dois primeiros volumes de seu *Port-Royal*, o piedoso sábio que tinha então a guarda desses arquivos, etc. Sainte-Beuve obtém com dificuldade do bom sr. Karsten a permissão para abrir algumas pastas... É só abrir a segunda edição de *Port-Royal* para que se veja o reconhecimento que Sainte-Beuve tem pelo sr. Karsten" (Léon Séché, *Sainte-Beuve*, tomo I, páginas 229 e seguintes). Quanto aos detalhes da viagem, repousam todos sobre impressões verdadeiras. Não sei se a gente passa por Dordrecht para ir a Utrecht, mas é como a vi que descrevo Dordrecht. Não foi indo a Utrecht, mas a Vollandam, que viajei de balsa, entre os caniços. O canal que eu situei em Utrecht é em Delft. Vi no Hospital de Beaune um Van der Weyden, e religiosas de uma ordem originária, eu acho, de Flandres, que usam ainda a mesma touca, não como em Roger Van der Weyden, mas como em outros quadros vistos na Holanda.

9. O esnobismo puro é mais inocente. Contentar-se com a relação de alguém porque ele teve um ancestral nas cruzadas é vaidade, não tendo a inteligência nada a ver com isso. Mas ter prazer com a relação de alguém porque o nome de seu avô se encontra freqüentemente em Alfred de Vigny ou em Chateaubriand, ou (sedução verdadeiramente irresistível para mim, confesso) ter o brasão de sua família (trata-se de uma mulher digna de ser admirada sem isso) na grande Rosa de Notre-Dame d'Amiens, aí está onde o pecado intelectual começa. Já o analisei bastante em outras circunstâncias para insistir sobre ele aqui, ainda que tenha muito a dizer sobre o assunto.

10. Paul Stapfer: *Souvenirs sur Victor Hugo*, publicado em *La Revue de Paris*.

11. Schopenhauer, *O Mundo como Representação e como Vontade* (capítulo "Sobre a Vaidade e os Sofrimentos da Vida").

12. "Lamento ter passado por Chartres sem ter podido ver a catedral." (*Voyage en Espagne*, p. 2)

13. Ele se torna, dizem-me, o célebre almirante de Tinan, pai da sra. Pechet de Tinan, cujo nome permanece caro aos artistas, e avô do brilhante capitão de cavalaria, — acho que é também ele que diante de Gaëte garantiu durante algum tempo a revitalização e as comunicações de Francisco II e da Rainha de Nápoles. Ver Pierre de la Gorce, *Histoire du second Empire*.

14. De resto, a verdadeira distinção finge não se dirigir senão a pessoas distintas que conhecem os mesmos usos, e ela não "explica". Um livro de Anatole France subentende uma multidão de conhecimentos eruditos, encerra perpétuas alusões que o vulgo não percebe e que delas fazem, além de outras belezas, a incomparável nobreza.

15. É por isso, sem dúvida, que, freqüentemente, quando um grande escritor faz crítica, fala muito das edições de obras antigas e muito pouco de obras contemporâneas. Exemplo: Os *Lundis* de Sainte-Beuve e a *Vie littéraire* de Anatole France. Mas enquanto Anatole France tem em alta conta seus contemporâneos, pode-se dizer que Sainte-Beuve desconheceu todos os grandes escritores de seu tempo. E que não se faça a objeção de que ele estava cego por ódios pessoais. Depois de ter rebaixado incrivelmente o romancista em Stendhal, ele celebra, como compensação, a modéstia, os procedimentos delicados do homem, como se não houvesse nada mais de favorável a dizer! Esta cegueira de Sainte-Beuve, no que concerne à sua época, contrasta singularmente com suas pretensões de clarividência e de preciência. "Todos são fortes, diz ele em *Chateaubriand et son groupe littéraire*, quando se pronunciam sobre Racine e Bossuet... Mas a sagacidade

do juiz, a perspicácia do crítico, se prova sobretudo sobre escritos novos, ainda não testados pelo público. Julgar à primeira vista, adivinhar, avançar, eis o dom crítico. Quão poucos o possuem.”

16. E, reciprocamente, os clássicos não têm melhores comentadores que os “românticos”. Só os românticos, na verdade, sabem ler as obras clássicas, porque as lêem como foram escritas, romanticamente, porque para ler bem um poeta ou um prosador, é preciso ser não um erudito, mas poeta ou um prosador. Isto é válido para as obras as menos “românticas”. Os belos versos de Boileau, não foram os professores de retórica que nos fizeram notá-los, foi Victo Hugo:

“Et dans quatre mouchoirs de sa beauté salis  
Envoie au blanchisseur ses roses et ses lys.”  
(E em quatro lenços sujos com sua beleza  
Envia ao tintureiro suas rosas e seus lírios.)

É o sr. Anatole France:

“L'ignorance et l'erreur à ses naissantes pièces  
En habits de marquis, en robes de comtesses.”  
(A ignorância e o erro com suas peças que nascem  
em hábitos de marquês, em roupas de condessas.)

O último número de *La Renaissance latine* (15 de maio de 1905) me permite, no momento em que corrijo estas provas, estender, através de um novo exemplo esta observação às belas artes. Ela nos mostra, como efeito, no sr. Rodin (artigo do sr. Mauclair), o verdadeiro comentador de estatuária grega.

17. Predileção que eles próprios julgam geralmente fortuita; supõem que os mais belos livros foram escritos por acaso pelos autores antigos; e sem dúvida, isso pode acontecer pois os livros antigos que lemos são escolhidos no passado inteiramente vasto ao lado da “época contemporânea”. Mas uma razão, de algum modo, accidental, não pode ser suficiente para explicar uma atitude de espírito tão geral.

18. Creio que o encanto que nos habituamos a ver nestes versos de Andromaque:

“Pourquoi l'assassiner? Qu'a-t-il fait? A quel titre?  
Qui te l'a dit?”  
(Por que assassiná-lo? Que foi que ele fez? A que título?  
Quem lhe disse?)

vem precisamente do fato de que o elo habitual da sintaxe é voluntariamente rompido. “A quel titre?” relaciona-se não a “Qu'a-t-il fait?” que o precede imediatamente, mas a “Pourquoi l'assassiner?” E “Qui te l'a dit?” relaciona-se também a “assassiner”. (Pode-se, lembrando um outro verso de Andromaque: “Qui vous l'a dit, Seigneur, qu'il me méprise?” (Quem lhe disse, Senhor, que ele me despreza?) supor que: “Qui te l'a dit?” está por “Qui te l'a dit, de l'assassiner?”) Ziguezagues da expressão (a linha recorrente e quebrada de que falo acima) que não deixam de obscurecer um pouco o sentido, se bem que ouvi uma grande atriz, mais preocupada com a clareza do discurso do que com a exatidão da prosódia, dizer convictamente: “Pourquoi l'assassiner? A quel titre? Qu'a-t-il fait?” Os mais célebres versos de Racine, na realidade são célebres porque encantam por uma certa audácia familiar de linguagem lançada como uma ponte ousada entre duas margens de doçura. “Je t'aimais inconstant, qu'aurais-je fait fidèle?” (Eu a amava inconstante, o que teria feito, fiel?) E que prazer causa encontrar estas belas expressões cuja simplicidade quase comum dá ao sentido, como a certos rostos em Mantegna, uma plenitude tão doce e cores tão lindas:

“Et dans un fol amour ma jeunesse embarquée...  
Réunissons trois cœurs qui n'ont pu s'accorder.”  
(E num louco amor minha juventude levada  
Reunimos três corações que não puderam se pôr de acordo.)

E é por isso que convém ler escritores clássicos no texto original, e não se contentar com trechos selecionados. As páginas ilustres dos escritores são, no mais das vezes, aque-

las em que esta contextura íntima de sua linguagem é dis-simulada pela beleza, de um caráter quase universal, do trecho. Não creio que a essência particular da música de Gluck se deixe surpreender tanto numa ária sublime como numa cadência de seus recitativos em que a harmonia é como o próprio som da voz de seu gênio quando recai sobre uma entonação involuntária em que se marca toda a sua ingênua gravidade e sua distinção, cada vez que se lhe houve, por assim dizer, tomar fôlego. Quem viu fotografias de São Marcos em Veneza pode crer (não falo, entretanto, senão do exterior do monumento) que teve uma idéia dessa igreja com cúpulas, quando é somente se aproximando, até poder tocá-las com a mão, o reposteiro recamado dessas colunas graciosas, é somente vendo o poder estranho e grave desses capitéis, que se enrolam folhas ou empoleiram pássaros, que não se podem distinguir senão de perto, é somente tendo no próprio local a impressão desse monumento baixo, ao longo de toda a fachada, com seus mastros floridos e sua decoração de festa, seu aspecto de "palácio de exposição" que se sente explodir nesses traços significativos mas acessórios e que nenhuma fotografia capta sua verdadeira e complexa individualidade.

19. E Maria diz: Minha alma exalta o Senhor e se regozija em Deus, meu Salvador, etc. — Zacarias seu pai foi tomado pelo Santo Espírito e profetizou nestas palavras: Bendito seja o Senhor, o Deus de Israel por sua remissão, etc. Ele a recebeu em seus braços, bendito Deus e disse: Agora, Senhor, deixe seu servidor ir em paz...
20. Na verdade, nenhum testemunho positivo permite afirmar que nestas leituras o recitante cantasse as espécies de salmos que São Lucas introduziu no seu evangelho. Mas parece que isso tem suficientemente a ver com diversas passagens de Renan e principalmente de São Paulo, p. 257 e seguintes: os Apóstolos, p. 99 e 100, Marco Aurélio, p. 502, 503, etc.